

ENTREVISTA

Os Mortos e o Além no Medievo

Realizada por Johnni Langer com **Prof. Dr. Hilário Franco Júnior**

Professor titular de História Medieval na USP, Universidade de São Paulo.

Principais obras publicadas:

O império bizantino (em co-autoria com Ruy Andrade Filho). São Paulo: Brasiliense, 1985.

As utopias medievais. São Paulo: Brasiliense, 1992.

A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval. São Paulo: Edusp, 1996.

Cocanha: a história de um país imaginário. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

O ano 1000: tempo de medo ou esperança? São Paulo: Cia das Letras, 1999.

Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval II. São Paulo: Edusp, 2008.

- 1) **Johnni Langer:** No livro *Os vivos e os mortos*, de J. C. Schmitt, ocorre uma investigação sobre o funcionamento social da memória dos mortos no medievo, estabelecendo um critério totalmente sincrônico deste imaginário (apesar de não desprezar a importância do legado celto-germânico para essas imagens no medievo cristão), ao contrário de Carlo Ginzburg, que no livro *História Noturna* estabelece uma postura essencialmente diacrônica para entender as concepções imaginárias envolvendo os mortos e o além na Idade Média. Você frequentemente em seus estudos enfatiza as dificuldades com que o historiador do imaginário social enfrenta quando se depara com as questões de ruptura e permanência (especialmente no livro *O ano 1000*). Em se tratando de um tema que ainda persiste em nosso cotidiano (como o medo de fantasmas), o que você aconselha aos pesquisadores, especialmente os iniciantes, a respeito de se adotar uma postura teórico-metodológica para investigar os mitos e o imaginário medieval?

Hilário Franco Júnior: A questão da postura teórico-metodológica é essencial para todas as Ciências Humanas, e não poderia deixar de sê-lo para a medievalística. Assim, ler suas grandes obras e refletir sobre a abordagem adotada por elas é tarefa das mais importantes. Mas que pede um cuidado imprescindível: não tomá-las como modelos prontos e aplicáveis a qualquer objeto de estudo. A rigor, não há método universal, válido para todos os temas. São as próprias fontes primárias que indicam, desde que lidas em profundidade e de forma problematizante, os caminhos mais adequados para serem analisadas. O estudioso deve, é claro, possuir boa cultura metodológica que lhe forneça os instrumentos necessários a cada caso. As duas obras que você cita atingem com sucesso seus objetivos, embora estes sejam abordados de maneira bem diferente.

Eu diria, como regra de prudência, que se deve evitar aprioristicamente opor sincronia e diacronia, e sim pensar em termos de redes de temporalidade. Nenhum indivíduo, e por consequência nenhuma sociedade, consegue escapar ao jogo complementar fundamental do ser humano, entre memória e imaginação, e portanto é reducionismo examinar a história de forma apenas sincrônica ou apenas diacrônica.

- 2) **J.L.:** Em um dos melhores ensaios do livro *A Eva barbada* (Entre o mundo feudal e o mundo das fadas), você analisa o *Lai de Guingamor*, narrativa envolvendo uma viagem ao além. O caráter eminentemente anti-feudal e anti-eclésiástico deste *lai* (canção de origem celta) se deve apenas a sua condição de produto da reação folclórica do século XII ou poderia estar relacionado mais diretamente com elementos de permanências pagãs ainda não devidamente investigados? (mas nem cultos coerentes nem um paganismo consciente e sim um sincretismo religioso de uma cristianização incompleta, Jean Delumeau, ou ainda, uma folclorização da “superstição” entre os séculos XI e XII, Micheline Laliberté).

H.F.: Esta pergunta nos remete, de alguma forma, à anterior: a realidade é sempre complexa e pede explicações complexas, ainda que seja legítimo, como recurso de análise, o historiador destacar da realidade em estudo apenas uma determinada faceta que por alguma razão (intrínseca ao objeto ou decorrente dos interesses do historiador naquele momento) lhe pareça merecer maior atenção. No caso citado, o *Lai de Guingamor*, a complexidade encontra-se na convergência dos dois elementos que você lembra, a “reação folclórica” e as permanências pagãs. Dois fenômenos que não se excluem, são manifestações de um único processo. Aquilo que Jacques Le Goff chamou de “reação folclórica” foi a reemergência e utilização ideológica de dados culturais pagãos que não haviam desaparecido apesar de séculos de cristianismo. Este muitas vezes, como você sabe, limitou-se a recobrir o paganismo de elementos cristãos, pouco alterando sua estrutura, o que permitiu no século XII, diante de novas demandas sociais, o ressurgimento na documentação de realidades religiosas que na verdade jamais haviam desaparecido.

- 3) **J.L.:** Em algumas culturas, como a dos escandinavos pré-cristãos, as narrativas visuais e literárias enfatizam muito mais uma idéia paradisiaca (como o Valhala) do que as do mundo dos mortos ou condenados (Hel, que aliás, nunca foi representado iconograficamente na Era Viking). Entre os celtas irlandeses a idéia de um inferno ou submundo dos mortos não existia. Ao contrário, o medo do inferno foi muito mais importante nas representações do além para os cristãos medievais, especialmente após o século X (“peça essencial do sistema/”cristianismo do medo”, Jacques Le Goff). Como você percebe essa “inversão de valores” no pensamento ocidental.

H.F.: Inicialmente, se me permite uma observação terminológica, preferiria falar em “valores inversos”, ou algo parecido, do que em “inversão de valores”, expressão essa que se aplica a um mesmo sistema de valores que foi completamente alterado. Ora, no caso falamos de dois sistemas culturais diferentes, o escandinavo e o judeo-greco-cristão. Este tirou sua idéia de Inferno da Geena judaica (ravina próxima a Jerusalém onde se queimavam cadáveres) e do Hades grego (vasta caverna no interior da Terra, daí a palavra adotada pelo cristianismo ocidental, *infernus*, “inferior”, isto é, mundo subterrâneo). Assim, já no século II um apócrifo, o *Apocalipse de Pedro*, descreve os tormentos dos pecadores naquela parte do Além, motivo desenvolvido dois séculos mais tarde por outro apócrifo, o *Apocalipse de Paulo* que teria imenso sucesso na Europa

medieval. De outra parte, a pouca valorização do espaço infernal entre os escandinavos antes da conversão ao cristianismo não é caso único. Algumas sociedades, pode-se pensar como hipótese, tentavam escapar das dificuldades da vida concreta negando no plano imaginário o prolongamento ou exacerbamento daquelas dificuldades no pós-morte.

4) **J.L.:** Vários pesquisadores vem recentemente enfatizando como causa principal do sucesso das empreitadas vikings pelo Ocidente, o fato destes guerreiros possuírem o ideal de morrer em batalha para poderem adentrar ao Valhalla (em detrimento de equipamentos e técnicas marciais que seriam conhecidos tanto pelos vikings quanto pelos povos postos em conflito – uma “equiparação militar”). Essa concepção de motivações paradisiaco-religiosas para explicar o resultado de eventos bélicos também encontra recepção para o mundo cristão (em especial na primeira cruzada para a libertação de Jerusalém e no combate aos muçulmanos, onde os papas prometiam o Paraíso aos que morressem em combate e “no ambiente geral de uma guerra santa”, Jean Flori; apesar de Franco Cardini negar as cruzadas como guerras religiosas ou inspiradas diretamente pela Igreja), somando-se ainda a *Jihad* e os ideais paradisiacos islâmicos de morte em batalha. Para você, as motivações religiosas realmente são fundamentais para entender o sucesso de muitas batalhas/acontecimentos históricos no medievo ou existem outras causas mais importantes que não podem ser omitidas?

H. **F.:** Mais uma vez, acho que não devemos buscar fórmulas fechadas. É inegável que as condições sócio-econômicas pesaram, e bastante, nas guerras expansionistas de muçulmanos, escandinavos e cristãos ocidentais. No estágio de então, a deficiência nos fatores terra e mão-de-obra disponível eram mais facilmente superáveis que no tecnológico. Escapar das limitações dos desertos gelados da Escandinávia ou dos desertos áridos da Arábia era conquistar as ricas regiões vizinhas. Mas seria um grave erro, acredito, minimizar o papel da motivação religiosa naquelas guerras. É preciso tentar entender cada sociedade de acordo com os próprios valores dela, e para aquela época a religião exercia funções essenciais no plano cotidiano, não apenas espiritual, filosófico.

5) **J.L.:** Recentemente em artigo na *Revista de História da Biblioteca Nacional*, o historiador José Murilo de Carvalho criticou a associação do nome Brasil com supostas origens célticas, especialmente as advindas de idéias de Gustavo Barroso e as retomadas pelo jornalista Geraldo Cantarino. Alguns estudos já apontavam uma dupla e conjugada origem ao epíteto do país: uma diabólica, remetendo aos simbolismos da cor da árvore homônima (Laura de Nello e e Souza) e outra paradisiaca, associando-se a motivos edênicos pré-cabralinos (Sérgio Buarque de Hollanda). Como você percebe essa resistência de alguns acadêmicos com permanências medievais em nosso passado colonial, e por outro lado, qual a sua opinião sobre as origens do nome Brasil?

H.F.: Quanto às origens do nome “Brasil”, não vou me arriscar a palpar já que nunca fiz uma pesquisa a respeito, e além disso temos sobre o assunto um belo artigo de Laura de Mello e Souza na *Revista de História*. No que diz respeito a resistências historiográficas à presença de elementos medievais na história brasileira, e não apenas colonial, creio que partem de uma concepção estrita da fronteira entre Idade Média e Idade Moderna. “Descoberto” e colonizado em contexto “moderno”, o Brasil não poderia, segundo esse raciocínio, apresentar elementos medievais. E no entanto, parece-me, eles são incontestáveis tanto no plano cultural, religioso, linguístico, quanto no

social e institucional. É o que tento demonstrar em artigo recente, publicado na *Revista USP*.

BIBLIOGRAFIA CITADA NA ENTREVISTA:

- BARROSO, Gustavo. *O Brasil na lenda e na cartografia antiga* (1941). São Paulo: GRD, 1998.
- CANTARINO, Geraldo. *Uma ilha chamada Brasil: o paraíso irlandês no passado brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- CARDINI, Franco. Guerra e cruzada. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, pp. 473-487.
- CARVALHO, José Murilo de. O Brasil e seus nomes. *Revista da História da Biblioteca Nacional* 15, 2002. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=356> Último acesso: 29 de fevereiro de 2008.
- DELUMEAU, Jean. Feitiçaria e cultos da fertilidade. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Cia das Letras, pp. 368-380.
- FLORI, Jean. Jerusalém e as cruzadas. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, pp. 7-24.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Entre o mundo feudal e o mundo das fadas: a aventura de Guingamor. *A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 1996, pp. 125-133.
- _____. *O ano 1000: tempo de medo ou esperança?* São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* (1958). São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LALIBERTÉ, Micheline. Religion populaire e superstition au Moyen Âge. *Théologiques* 8 (1), 2000. Disponível em: www.erudit.org/revue/theologie/2000v8/n1/005012ar.html Último acesso: 29 de fevereiro de 2008.
- LE GOFF, Jacques. Além. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, pp. 21-33.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- _____. Os nomes do Brasil. *Revista de História da USP* 145, 2002, pp. 61-86.